

## MAQUIAGEM E TRAJE DE CENA: PERCEPÇÕES E ATRAVESSAMENTOS

### *Make Up and Costume: Perceptions and crossings*

Ribeiro, Graziela; Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará;  
Docente da Faculdade Estácio do Pará; graziela\_ribeiro@hotmail.com

**Resumo:** O artigo articula questões a respeito da visualidade cênica no sentido da construção corpo-rostro do ator em espetáculos teatrais e sua importância na etapa de caracterização. Neste contexto buscou-se referências nas obras de Patrice Pavis e Jean-Jacques Roubine.

**Palavras – chave:** maquiagem caracterização, teatro.

**Abstract:** The article joins topics about the scenic visuality, focusing the actor's body-face construction in theatrical performances and its importance in the stage characterization. In this context the used references in the work were Patrice Pavis and Jean-Jacques Roubine.

**Key words:** make up, theater, characterization

### 1.Introdução

Sabemos que “O ator é imagem falante” (Pavis, 2008, p. 430), sem atribuir menor importância aos outros sentidos, a visão, certamente, é um dos fatores de maior relevância no tempo contemporâneo. Embora a afirmação sobre a visualidade possa referir-se a pessoas comuns, na condição de atores sociais, integrantes da vivência cotidiana e suas imagens em diálogo com algo que reflete o âmago de seus gostos, vivências, interações, identificações e subjetividades, o texto considera uma reflexão que envolve o contexto teatral. Concernente ao momento de encenação, observamos que

o espectador se impressiona primeiro pelo que é visível e humano, pela atuação, depois pelos materiais mais “invasores” como o cenário ou os figurinos, e por fim aquilo que autoriza a própria percepção: a iluminação (PAVIS, 2010, p. 119)

O sentido da visão do espectador é provocado por meio de um corpo performático, integrado a um conjunto de outros elementos de materialidade cênica. Em relação a corpo e visualidade, a aparência deste em cena nos traz dois elementos que precisam ser pensados como importantes na construção da caracterização: o traje de cena e a maquiagem. A seguir vamos tecer algumas considerações a respeito destes fatores comunicacionais dentro de espetáculos teatrais. Além disso o artigo abarca também discussões sobre a utilização dos termos, caracterização, visagismo e maquiagem na área teatral, bem como pensa sobre os tópicos abordados na disciplina “Caracterização e visagismo”, ministrada no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Pará e a prática da mesma.

Com base nisso, o texto busca articular algumas questões a respeito da materialidade cênica no sentido da construção corpo-rostro do ator em espetáculos teatrais e sua importância na etapa de caracterização.

## **2. Aspectos sobre a caracterização e seu conceito**

Um dos conceitos que previamente precisam ser trazidos para esta discussão é a palavra “caracterização”. Quando se resgata o sentido da caracterização, o mesmo abrange elementos que trazem informações sobre uma determinada personagem e que, segundo Pavis, pode se dar por meio da dramaturgia ou mesmo da materialidade que se agrega nas ações do corpo, então neste caso, figurino e maquiagem demonstram que suas funções devem ser pensadas de forma significativa a partir das necessidades da personagem.

No livro *O design de aparência de atores e a comunicação em cena*, a autora Adriana Vaz Ramos menciona a expressão *caracterização visual*, cujo sentido refere-se

(...)especificamente à correlação expressiva de cores, formas, volumes e linhas, utilizadas de diferentes maneiras para materializar vestimentas, maquiagens, penteados e adereços a fim de apresentar visualmente os traços singularizantes de um ator por meio de signos que compõe sua aparência geral, em determinada realização artística. (RAMOS, 2013, p. 26 e 27)

Percebe-se na citação, que a autora destaca na linguagem visual da cena teatral não apenas o vestuário, ou figurino, como materialização de um veículo comunicacional, mas ela também considera a maquiagem, os penteados e adereços, ou seja, um conjunto de fatores que formam um todo e que cumpre a função da emissão de mensagens não verbais ao público. Mesmo quando pensamos sobre combinações de traje convencionais (roupas, acessórios em maquiagem), que informalmente designamos de *looks*, no sentido de composição de aparência este fator comunicacional do texto visual se faz presente da mesma forma. A autora reforça esta noção quando nos aponta que

A aparência de um ator é concretamente construída por meio da manipulação da linguagem caracterização visual, ou seja, ela é dada a conhecer por meio da organização dos recursos oferecidos pelos códigos de suas linguagens constituintes (as roupas, os penteados, as maquiagens, os adereços) colocados em relação ao corpo do ator em questão e às particularidades tecnológicas de cada meio e de cada espetáculo em que estiver inserida (RAMOS, 2013, p. 32)

Tomando os elementos da caracterização visual que a autora cita: traje, maquiagem, adereços, cabelo e atitude, adentraremos em um recorte de discussão que problematiza a maquiagem em especial. Em termos de debates acadêmicos, a maquiagem ainda necessita de um maior espaço, sem considerar a sua modalidade conhecida como “maquiagem social”, pois sabe-se que a indústria cosmética que trata do embelezamento se atualiza constantemente o que gera um número considerável de grandes eventos no Brasil e no mundo.

Tomando como apropriação a noção de imagem desenvolvida por Deleuze e Bergson (apud RAMOS, 2013,p.36) e que diz respeito ao “conjunto daquilo que aparece”, complementado com o comentário de Ramos em que ela afirma que “espetáculo é tudo aquilo que se oferece ao olhar, todo espetáculo é uma imagem”, busca-se então um olhar sobre o que se vê em espetáculos, sobretudo aquilo que se vê inserido nos corpos integrantes de espetáculos teatrais, a aparência segundo o dicionário, definida como “aquilo que se mostra à primeira vista; aspecto, exterioridade” (2008, p. 147).

### **3. Maquiagem, caracterização e visagismo**

A maquiagem é um instrumento muito antigo utilizado pelos homens desde os primórdios das maiores civilizações ocidentais e orientais, como a Egípcia e Greco-romana, e remete ao uso de produtos para o tratamento e embelezamento da pele e cabelo, porém na discussão aqui levantada trataremos da maquiagem teatral, que cumpre outras funções que vão além da busca pelo embelezamento, assim sendo ressalta-se que

A maquiagem propriamente dita, quer dizer, o uso de pinturas de cores não realistas de que os teatros do Extremo Oriente têm uma longa experiência, ficou por muito tempo excluída do palco ocidental moderno. É que precisamente ela não é realista. Não tendo nenhuma referência na realidade ela parece como uma infração inaceitável ao código do “natural” (ROUBINE, 2011, p. 67)

Com a função de dar destaque para o rosto e as expressões faciais, nas origens do teatro, na Grécia Antiga, a maquiagem já era usada, não para o embelezamento, mas como um complemento à máscara e em principal, era parte do aspecto ritualístico que envolvia o culto a Dionísio e que fazia uso de sangue de animal e cinzas nos rostos. Já no século XVI passa a existir a busca pela maquiagem de embelezamento, porém sem muitos exageros, a simplicidade passa a ser esquecida a partir do século XVIII, quando a maquiagem teatral passa a ser usada com exagero. Historicamente tanto a maquiagem, comum quanto a teatral apresentavam sérios riscos à saúde, pois eram feitas com materiais tóxicos e prejudiciais como o arsênico ou chumbo, por exemplo.

Um dos objetivos da maquiagem teatral é a adaptação da pele do ator à iluminação, o que faz com que ela se desenvolva considerando a evolução da luz, primeiramente a gás e em seguida, elétrica, por conta deste fator, no teatro do século XX houve um maior apelo para a questão da expressão facial, motivado pelo progresso da iluminação, mas também pelas novas configurações e modificações do espaço teatral. Atualmente, é comum dentro da área teatral a maquiagem também ser chamada de “caracterização”<sup>1</sup> ou mesmo “visagismo”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> “técnica literária ou teatral utilizada para fornecer informações sobre uma personagem ou situação.” (PAVIS, 2008, p.38)

<sup>2</sup> O termo *visagisme* foi criado por Fernand Aubry nos anos 30, e é derivado do termo *visage* (rosto, em francês). Por conter o sufixo “ismo”, o visagismo deve ser um conceito e não

Muitas vezes entende-se a caracterização como um processo descrito por Cezimbra que informa que “caracterização de personagens é quando o maquiador trabalha com personagens para teatro, cinema e TV e ganha o status de caracterizador” (CEZIMBRA, 2012, p. 138), ou seja, percebe-se a relação com a criação de personagem, não apenas especificamente na área teatral, mas também em outras linguagens artísticas.

No sentido da caracterização que vimos previamente, a maquiagem realmente insere no corpo do ator determinadas informações sobre a personagem, por meio dos efeitos de luz e sombra na maquiagem é possível que se transforme um ator jovem em idoso, por exemplo, ou mesmo que se criem sombras que levem a alterar os traços naturais de um rosto. Neste contexto verificamos que

A maquiagem não é, no entanto, uma extensão do corpo como podem ser a máscara, o figurino ou o acessório. Não é tampouco uma “técnica do corpo”, uma “maneira com a qual os homens sabem utilizar seu corpo”<sup>3</sup>. É, melhor dizendo, um filtro, uma película, uma fina membrana colada no rosto do ator: nada está mais perto do corpo do ator, nada melhor para servi-lo ou traí-lo que esse filme ténue (PAVIS, 2008, p.170)

Sobre o fato destacado por Pavis na citação acima, da maquiagem poder servir ou trair o ator, apenas reforça a questão que está sendo colocada neste texto, ressaltando que ainda é bastante comum se pensar que a execução de uma maquiagem convencional, feita com técnicas de maquiagem social servem para o apelo visual e as necessidades de destaque de um rosto no palco, é claro que isso depende da configuração de palco da encenação, porém nem sempre no referido espaço o produto de maquiagem social é adequado, isto inclui também a aderência na pele, sabendo que a iluminação e a transpiração que o movimento do corpo em cena traz podem gerar algum problema. Segundo Cezimbra

A maquiagem teatral deve ser dramática, envolvente, com a finalidade de ajudar atores, cantores de ópera, bailarinos e

---

meramente uma técnica. É importante anotar que Aubry criou o termo “visagismo” e não o visagismo em si. (Referência)

<sup>3</sup> Marcel Mauss, Sociologie e antropologie, Paris, PUF, 1950, p. 365

caracterizar seus personagens. Isso exige do maquiador, além de criatividade, conhecimentos gerais e uma pesquisa de costumes de época, para que ele harmonize a maquiagem com os cabelos, o figurino, a luz, o cenário (2012, p. 139)

#### 4. O ensino da maquiagem teatral

Para um entendimento do que é ministrado na disciplina de maquiagem em uma escola de teatro, tomou-se como referência a análise do Plano de ensino docente que integra o Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Pará, no referido curso a disciplina se chama Caracterização e Visagismo, porém ela existe em todos os cursos da área de artes cênicas da instituição, variando em sua nomenclatura, podendo se chamar Maquiagem cênica ou Cenografia da Face nos cursos técnicos da instituição.

Resumidamente os tópicos abordados na disciplina se dividem em:

Tabela 1

<b>Tópico</b>	<b>Conteúdo</b>
Maquiagem social	Instrumentos, pincéis, produtos, técnicas.
Maquiagem de efeitos	Luz e sombra, envelhecimento, contorno, sangue, machucado, corte, queimadura.
Maquiagem artística	Cores, harmonia de cores, reforço ou alteração de traços do rosto, codificação, degradê.
Clown make up	Maquiagem de palhaço, arte do clown
Maquiagem naturalista	simples e busca naturalidade, <i>Air brush</i> .
Próteses e postiços	Silicone, foam látex, pêlos, bigodes, perucas
Facechart	Croquis para projeto de maquiagem, criação de personagem.

Com base na região em que foi feita a análise, é relevante a informação que nem todos os tópicos podem contar com uma aula prática, pois o material

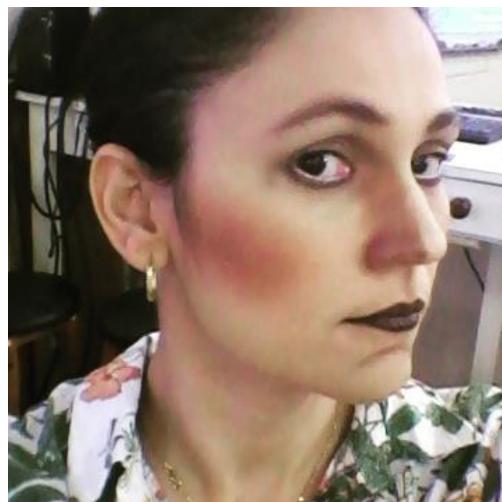
não é vendido nas lojas de maquiagem e apenas podem ser adquiridos pela internet, como o material para confecção de próteses em látex ou silicone. O que tem sido feito também é o uso de materiais alternativos, por exemplo, o sangue artificial é feito com materiais comestíveis de confeitaria, há também a mistura de gelatina e glicerina para a produção de um falso látex.

No Estado do Pará há poucos livros de maquiagem que apresentam instruções sobre a maquiagem cênica, as bibliotecas apresentam muito poucas publicações sobre o assunto. Para PAVIS

Por causa da distância, os traços expressivos devem ser aumentados de maneira a parecerem naturais, mesmo longe do palco. A perspectiva e a escala desse aumento podem assim ficarem deformadas e o observador deve então permanecer consciente dessa convenção cênica à qual não se submetem o teatro de câmara ou o cinema” (2008, p. 171).

Para as especificidades que o autor enfatiza, segundo o livro *Maquiagem: técnicas básicas, serviços profissionais e mercado de trabalho*, a autora Márcia Cezimbra propõe que a maquiagem teatral, ou dramática, segundo nomenclatura utilizada pela autora “Precisa ter jogo de contrastes claro e escuro e cores fortes que se destaquem sob a luz dos refletores. Assim, consegue-se dar, à distância, uma boa visão do personagem” (CEZIMBRA, 2012, p. 140). Como exemplo prático consta a imagem a seguir, executada segundo as instruções do livro da autora

Figura 1: Demonstração de maquiagem “dramática” – auto retrato. Foto: Da autora



Outra prática dentro da disciplina diz respeito aos efeitos de machucado que fazem uso de sangue e cortes, bem como de queimaduras. As mesmas, conforme dito anteriormente, são confeccionadas com materiais alternativos como farinha de trigo e cola, algodão, papel higiênico e o sangue com receitas que misturam ingredientes da indústria alimentícia para confeitaria, café solúvel entre outros. Nas cidades do Estado do Pará em que a universidade oferece o curso, não há venda de produtos especiais de maquiagem cênica, portanto o improvisado se faz necessário.

Há também a prática da maquiagem artística, que conta com um exercício de criação de personagem na *Facechart*, que trata-se de um projeto de maquiagem que traz um croqui, que pode ser ilustrado com produtos de maquiagem ou lápis de cor comum. No projeto final, os alunos devem criar uma maquiagem para executarem no próprio rosto a partir de um adereço ou figurino, ou seja, um exercício para a compreensão da dimensão rosto-corpo e da importância de se pensar a harmonia entre ambos, para que a comunicação na cena seja efetiva. Além de se buscar trazer aspectos que caracterizem suas personagens criadas na atividade.

Figura 2: Culminância da disciplina Caracterização e Visagismo I da turma do curso técnico em Figurino cênico. Foto: Da autora



Conforme dito anteriormente a disciplina é ofertada em seis cursos da instituição: Graduação em Teatro e técnicos em Figurino cênico, Dança Clássica, Dança Intérprete Criador, Ator, tendo uma demanda permanente nos períodos letivos dos cursos técnicos.

## **5.Considerações finais**

Conclui-se que, sem dúvida, a caracterização deve ser pensada pela equipe de visualidade buscando além da harmonia, um sentido, pois nada deve se mostrar de forma aleatória em um projeto de visualidade cênica, isso inclui a relação corpo-rostos, ou seja, figurino-maquagem.

Sabemos que a maquiagem traz uma interferência significativa na aparência do ator em cena e cumpre funções que vão muito além do embelezamento pois a mesma serve para codificar o rosto, teatralizar a fisionomia (envelhecimentos, machucados). Portanto “A maquiagem veste tanto o corpo como a alma daquele que a usa, daí sua importância estratégica tanto para a sedutora, na vida, como para o ator, no palco (PAVIS, 2008, p.170).

Pelo fato da observação ter sido feita em sala de aula, nos dois anos em que a autora do artigo ministrou as disciplinas de Maquiagem cênica, Caracterização e Visagismo e Cenografia da face na Universidade Federal do Pará, constatou-se que a análise da visualidade na cena traz um vasto campo de possibilidade de pesquisa aos alunos das artes cênicas da região, visto que a sensibilidade visual pode promover análises com embasamento teórico.

Felizmente os discentes dos cursos técnicos têm a oportunidade de pôr em prática o que aprendem na disciplina, incluindo-se a confecção do projeto de maquiagem em conjunto com o figurino, nas disciplinas de Prática de Montagem I e II, que é quando eles produzem espetáculos de teatro em dança e é uma oportunidade de se pensar a harmonia no processo criativo da linguagem visual cênica.

Em 2014 a turma do 1º ano do curso técnico de Ator montou um espetáculo de Prática de Montagem intitulada *Tchekhov Viaja*, durante o processo os alunos criaram na Facechart suas maquiagens na aula de

Maquiagem Cênica, de acordo com o estudo de suas personagens realizados na disciplina Interpretação I, isso contribuiu para seus processos de caracterização e também de execução de seus projetos, pois foram praticando a auto maquiagem e a incorporação de expressões faciais em sala de aula.

## **6.Referências**

CEZIMBRA, Márcia. *Maquiagem: técnicas básicas, serviços profissionais e mercado de trabalho*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012.

PAVIS, Patrice. *A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança teatro, cinema*. São Paulo: Perspectiva: 2010

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RAMOS, Adriana Vaz. *O design de aparência de atores e a comunicação em cena*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

ROUBINE, Jean-Jacques. *A arte do ator*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

VITA, Ana Carlota R. *História da Maquiagem, da cosmética e do penteado: Em busca da perfeição*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2008.